

26-05-2021

A negação à natureza na sociedade de oprimidos e opressores

Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Neste ano em que Paulo Freire completaria 100 anos é salutar lembrar de sua obra. Os fascistas do poder espalham uma negação a Paulo Freire e isso nos provoca dois sentimentos: o primeiro é que devemos (re) ler Freire e buscar luz em suas obras e o segundo é que a negação ao filósofo e educador brasileiro é a prova inequívoca de que esses que estão no poder tem lado e o lado deles não é pelos oprimidos e sim pelos opressores (canalhas). Uma série de artigos científicos liga as obras de Paulo Freire à Educação Ambiental - sobretudo na Pedagogia da Autonomia. Aparentemente o autor não faz referência direta ao tema, por tê-la escrito em outra época, quando as preocupações do mundo eram outras.

Nas linhas que seguem, a negação à natureza na sociedade em que vivemos não trata da sociedade brasileira das décadas de 1960 e 1970. Trata do presente que, ao passar de segundos, já se tornou “passado”. Escrevo com a iminente possibilidade de errar - mas é preciso escrever, ofertar sons e construir imagens para aqueles que insistem em não querer ver e ouvir (sentir) - uma tentativa de libertação dos oprimidos (sem entrar no mérito de fazer o mesmo com os opressores, como preconizava Freire). A negação à natureza como expressão da relação social entre opressores e oprimidos é clara ao nos referirmos ao cercamento do acesso às praias e balneários de cidades litorâneas, ao loteamento da paisagem impondo à parte da população apenas uma fresta para observar as ondas que vão e voltam, um flagrante em que a justiça se nega a enxergar.

Nega-se, por parte dos condomínios que cerceiam o direito de ir e vir, o direito à natureza aos pobres e oprimidos. São locais de moradia dos que deveriam fazer cumprir a lei e que fazem as próprias leis. Políticos, juizes, empresários e tantos outros que, muitas vezes, compõem o quadro de opressores.

O que dizer, então, das ilhas particulares onde pescadores e outros oprimidos não podem encostar suas canoas?

Cada rico com sua ilha e aos pobres, se quiserem, subam os morros para apenas observar. E, cuidado, os melhores morros com as melhores vistas podem ser objeto de interesse dos opressores. Neste caso, a justiça e seu aparato vai agir com o argumento da preservação da natureza e de salvar vidas das zonas de risco, um engodo para tomar os olhos e a vista desses oprimidos que ousam ter o direito de ver (as paisagens que lhes são proibidas). Muitos oprimidos, da parte baixa, vão aplaudir os opressores da justiça, achando que um dia terão o direito de conquistar seu quinhão lá no alto – doce ilusão de classe média brasileira. E a maldade dos opressores não para por aí.

Em suas grandes lavouras de commodities financiadas pelo Estado, que eles dominam através de suas bancadas, usam todos os tipos de venenos – chamam defensivos – nome bonito, mas o que esses produtos defendem? Nestas grandes lavouras, os opressores obrigam “seus oprimidos” a jogar toneladas e toneladas de venenos para aumentar sua produção/seus lucros. Mas latifundiários preferem morar nas cidades, longe dos venenos de suas lavouras e, contraditoriamente, na maioria das vezes, preferem consumir os alimentos saudáveis da agricultura orgânica / camponesa – um tapa na cara. Os oprimidos, que na maioria das vezes são os produtores e comerciantes desses produtos orgânicos (limpos), aceitam passivamente os sorrisos dos opressores (os donos do veneno) que chegam em suas hortas e lojas para comprar alimentos. Os preços dos produtos não permitem que os pobres oprimidos tenham acesso aos melhores alimentos. Reservas de valor! Nunca serão baratos, pobres não podem ter acesso.

A opressão não tem limites, as quebradeiras de coco no Norte do país são impedidas de ter acesso aos babaçuais para colher o fruto que lhes dão sentido e vida. Cercam ou queimam essas florestas, mas as quebradeiras resistem – com arte e música. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2005).

Quando Casaldáliga (1978) escreveu os versos de Antologia Retirante não imaginaria que as cercas da burocracia no presente oprimem ainda mais os trabalhadores já oprimidos. “Malditas sejam todas as leis, amanhadas por umas poucas mãos para ampararem cercas e bois e fazer a Terra, escrava e escravos os humanos!”. As cercas das reformas que retiram direitos, que aumentam o tempo de contribuição, que coloca trabalhadores contra trabalhadores.

Oprimidos contra oprimidos. Quando uma pessoa pobre vai ao supermercado de ricos logo na entrada e na minha própria frase inicia-se uma negação... O olhar do outro trabalhador (pobre segurança / opressor / oprimido) é diferente, o sujeito (não cliente!) entrou caminhando, quando nem existe essa possibilidade – já que a entrada é só para carros...

E o que dizer sobre a frase “supermercados de ricos” (portanto deve haver supermercado de pobres, nesse caso não é super ou hiper – mas é mini). Percorrendo as prateleiras, esse oprimido vigiado, vai perceber que a maioria dos produtos não cabe em seu bolso. Pergunto, se a natureza é de todos, por que nos é negado esses produtos que são frutos da natureza!?

Por que pobre não pode se alimentar daquilo que a natureza, que também deveria ser sua, lhe oferece?

A grande arma dos opressores contra os oprimidos é a fome de comida ou a sede de palavras, mas ao mesmo tempo é motivação para a ação revolucionária e libertadora dos povos oprimidos. Não podemos mais aceitar essa fome e essa sede que nos mata. A natureza é para todos.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
CASALDÁLIGA, Pedro. *Antologia Retirante*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.